

FACULDADE UNYLEYA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
JUCELIA ARAUJO SILVA

A LITERATURA DE CORDEL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O  
NORDESTE

BRASÍLIA – DF  
2016

JUCELI ARAUJO SILVA

A LITERATURA DE CORDEL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O  
NORDESTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Língua Portuguesa da Faculdade Unyleya, como requisito para obtenção do curso de pós-graduação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. João Francisco Sinott Lopes

Brasília

2016

**Resumo**

A literatura de cordel está intimamente ligada ao Nordeste. Por suas características sociais, desempenhou um papel de grande importância para a região, contribuindo para a promoção de uma mudança na vida do sertanejo, sempre às voltas com as adversidades. Os versos rimados dos poetas influencia sobremaneira a condição social do nordestino no final do século XIX e início do século XX, através da sua relevante função educativa. Por meio da socialização que a leitura dos folhetos do cordel exige, o povo simples da época encontra momentos de lazer e se mantém informado. O cordelista, com a mesma linguagem de seus conterrâneos, expressa os sentimentos que lhes são comuns, o que faz da cultura popular traduzida na arte do cordel um vetor de transmissão da identidade do nordestino. A metodologia usada nessa pesquisa consiste em pesquisa bibliográfica, na qual foi retirado excertos de obras de autores estudiosos do tema e de trabalhos acadêmicos publicados em sites, que serviram de suporte à teoria. Pretende-se, por meio dessa análise, compreender o papel da literatura de cordel na cultura popular nordestina, a fim de reconhecer que, por meio de sua função social, em suas várias faces, pode ser uma via de transformação da realidade histórica e social na qual vivemos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura popular. Função social. Cordel.

## Sumário

Introdução.....	05
Referencial Teórico.....	07
Capítulo 1.....	09
Cordel: das origens a sua chegada ao nordeste.....	09
Capítulo 2.....	14
Que literatura é essa?.....	14
Capítulo 3.....	19
A herança social do cordel para o Nordeste.....	19
Considerações finais.....	24
Referências bibliográficas.....	26

## Introdução

O interesse por desenvolver essa pesquisa começou numa banca de jornal. Ao ler a capa de uma revista –Literatura – nela tinha como destaque uma reportagem sobre a literatura de cordel, o que aguçou-me a curiosidade para conhecer um pouco mais sobre esse tema instigante, que tem forte representatividade na cultura popular nordestina. Ela se apresenta como uma marca do nordeste. É uma expressão artística que remonta à colonização portuguesa no Brasil, tendo subsistido com sua graça e imensa criatividade até hoje, graças à força desse povo valente, que sempre lutou para manter viva essa arte que lhe é tão peculiar.

A literatura de cordel revela-se como um veículo de transmissão da cultura do nordestino, que tem como uma de suas características a oralidade, já que inicialmente os folhetos eram lidos em voz alta, o que pode ser corroborado pelas palavras do inesquecível Câmara Cascudo: “as fontes da literatura oral brasileira são o material mantido e fixado pela tradição, os livrinhos impressos, novelas ...”. Portanto, sendo uma representação da cultura popular, qual o papel da literatura de cordel na cultura popular nordestina? É o que buscaremos responder ao longo do trabalho.

O desenvolvimento dessa pesquisa tem o objetivo de compreender o papel da literatura de cordel na cultura popular do povo nordestino, o que não é possível de ser concretizado sem antes pesquisarmos suas origens, pois como diz Diégues Júnior, “a presença da literatura de cordel no nordeste tem raízes lusitanas”. Importante também para se alcançar tal finalidade é discorrer sobre sua conceituação. Aliás, “é a primeira e maior dificuldade que encontramos ao estudar a literatura de cordel”, já ensina Márcia Abreu. Num último momento, faz-se necessário destacar seu caráter social, que tem como algumas de suas funções informar. Em seus versos o cordelista Azulão expressa: “Servindo como jornais/ Que levam das capitais/ Para os sertões nordestinos.”

Esse trabalho é relevante no sentido de que ele nos conduz a um melhor conhecimento do que foi e é a literatura de cordel, pois se constitui num produto do povo, que representa esse povo, já que do meio dele sai tanto o autor quanto o leitor dessa literatura, contribuindo também para desmistificar a ideia de que o que é produzido nas classes populares não detém “saber”. O resultado obtido também é importante no sentido de dar um norte àqueles que buscam inovar tanto na educação como em outras áreas sociais, haja vista que através dessa arte popular é possível o fomento de várias ações de cunho social.

Dentro da proposta de pesquisa desse trabalho, já que a literatura de cordel abrange um vasto universo, ele será dividido em 3 capítulos. No primeiro capítulo será abordada a sua origem, partindo-se das narrativas europeias medievais contadas em voz alta, manifestações precursoras do cordel, até chegar a Portugal, de onde veio para o Brasil, como é consenso entre a maioria dos estudiosos do assunto. Sendo certo que essa arte chegou ao Brasil pela região nordestina, será apresentado um quadro de como era a região, se ela representava um ambiente propício ao desenvolvimento dessa literatura, cuja reprodução foi feita inicialmente através da oralidade, de geração em geração. O segundo capítulo tratará da conceituação da literatura de cordel, buscando mostrar como os estudiosos do assunto buscam conceituá-la, já que por muito tempo a sua definição estava relacionada basicamente com a forma exterior de sua apresentação, ou seja, os livrinhos, que também será abordado neste capítulo. O terceiro e último capítulo será destinado à relevância social da literatura de cordel, no qual será feita uma abordagem sobre o que ela representou e representa para o desenvolvimento do povo nordestino, buscando mostrar para que serve essa arte tão importante para o sertanejo, já que foi por meio dos versos do cordel que, outrora, as informações chegavam ao interior do nordeste. Neste capítulo também será destacado a infinidade de temas que a literatura dos livrinhos pode abarcar, contribuindo, inclusive, para o desenvolvimento de uma postura mais crítica das camadas populares, por que não dizer da sociedade, diante dos problemas que assolam a sua comunidade, o Brasil e o mundo.

Esse trabalho será executado respeitando-se uma abordagem metodológica qualitativa e através de uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fontes de pesquisa livros, textos acadêmicos, artigos publicados em revistas, além de material publicado na internet, a fim de ampliarmos nosso conhecimento sobre essa poesia que sempre encantou o nordeste e passou, mais tarde, a encantar o Brasil.

## Referencial teórico

A literatura de cordel é um braço da arte popular, difundida principalmente no nordeste, que representa o berço dessa expressão artística no Brasil.

A fim de desenvolvermos o trabalho a que nos propomos, inicialmente é importante conhecermos o significado de cultura que, segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, significa “saber, estudo, elegância, esmero”, ou seja, ser culto é saber, ter conhecimento, estar informado. Esmiuçando a cultura popular dentro desse contexto amplo, Antônio Augusto Arantes anota em sua obra “O que é Cultura Popular” que

[...] fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização, que é condição de modo de sua participação na produção da sociedade. (p. 78)

O autor vai de encontro àquelas correntes que consideram a cultura popular como sinônimo de “tradição”, considerando que entendendo-se assim seria “reafirmar constantemente a idéia de que a sua Idade de Ouro deu-se no passado.” (p. 17)

Notadamente um dos principais representantes da cultura popular nordestina, a literatura de cordel é reconhecidamente um patrimônio sociocultural do nordeste, que tem na amplitude de seus temas expressos nos versos toda a trajetória dessa gente, que, como explicitado por Euclides da Cunha, em Grande Sertão Veredas, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Sobre a importância dessa arte como elemento da constituição social do nordeste, Ana Maria Galvão diz em seu livro Cordel: Leitores e Ouvintes:

Foi a falta de acesso ao conhecimento e educação básica, numa terra seca e ambiente basicamente ruralista, com cultura de subsistência, onde os coronéis ditavam as leis de forma ortodoxa, e o cangaço dominava, que o cordel serviu de instrumento de apoio e de grito, para denunciar e expressar a cultura popular do Brasil, no século XIX.

Com toda representatividade que tem na cultura popular do nordeste, a literatura de cordel não é um produto genuinamente nordestino, embora exista algumas discordâncias quanto a sua origem entre os estudiosos. Todavia, o entendimento mais corrente é que ele tem raízes lusitanas. Descende das folhas volantes portuguesas, mesmo admitindo que há muitos traços dos *pliegos sueltos* espanhóis nos cordéis portugueses, como ensina o estudioso do cordel Manuel Diegues Júnior.

Outro aspecto importante da literatura de cordel é quanto a sua definição, que os estudiosos do tema consideram não ser uma tarefa fácil, tendo em vista que a cultura popular é matéria vasta e para a qual não há limites. Em reportagem escrita por Verucci Domingos de Almeida – Afinal, o que é literatura de Cordel? – na Revista Literatura, nº 45, a pesquisadora Márcia Abreu não define a literatura de cordel e explica não querer assumir que não se trata de uma modalidade ou gênero literário, mas sim de um gênero editorial. Diz que “as características físicas do folheto, aliadas à maneira de vendê-los, têm sido os atributos mais recorrentes ao se tentar uma definição” (p. 9). Na mesma reportagem, no entanto, Diegues Júnior acredita ser “um romance em poesia, pelo tipo de narração que descreve”. (p. 9)

A literatura de cordel além de ser expressão da cultura popular do nordeste, tem um forte apelo social, pois “veiculadas por cantadores/poetas ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas” (GALVÃO, 2006, p. 31).



## Capítulo 1

### **Cordel: das origens a sua chegada ao nordeste**

Quando se fala em literatura de cordel, inevitavelmente se aborda sobre o recorte brasileiro chamado nordeste e sobre o popular, mais especificamente sobre a cultura popular, tendo em vista que essa literatura é a grande representante da cultura popular nordestina. Arantes (1990, p. 16), estudioso do assunto, diz que “um grande número de autores pensa a “cultura popular” como “folclore”, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas tradicionais.” (p. 16). Para Arantes, “pensar a cultura popular como sinônimo de “tradição” é reafirmar constantemente a ideia de que a sua Idade de Ouro deu-se no passado” (p. 17), já que “cultura é um processo dinâmico” (p. 22). Para ele, o sentido mais profundo da cultura, “popular” ou outra, é:

“[...] fazer teatro, música, poesia, ou qualquer outra modalidade de arte, é construir, com casos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares e concretas, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização, que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade.” (1990, p. 78)

Quanto à origem da literatura de cordel, ela remonta a tempos longínquos e, mesmo hoje, não existe consenso entre os estudiosos de onde e quando tudo começou, principalmente no Brasil e mais ainda sobre o seu desenvolvimento na região nordeste.

Michel Foucault (1979, p. 18 *apud* GALVÃO, 2006, p. 28) assim se posiciona sobre a questão referente à importância de se conhecer a origem das coisas:

Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, “o aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces, é querer tirar toda as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira [...] O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate.

Grande parte dos estudiosos concluíram que o cordel remonta aos romanceiros da Idade Média - cuja forma de expressão era tradicionalmente oral - e que, por sua vez, eram derivados das antigas canções de gesta. Esses romanceiros (composição poética de versos octossilábicos) datam do séc. XV, embora acredite-se possam ser ainda mais antigos. Carolina Velloso Costa destaca, quanto à oralidade, que:

O romanceiro de tradição oral está presente na sociedade há mais de sete séculos e faz parte do estudo da literatura oral, que admite a sua importância popular e caracteriza uma comunidade. Pode-se dizer ainda que o romance contém uma ação coletiva, visto que o narrador e o ouvinte são figuras essenciais para o desenvolvimento da contação da história. (72)

O professor Manuel Diégues Júnior (DIÉGUES JÚNIOR *et al*, 1986) também considera que as origens da literatura de cordel “está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve” (p. 31). Para ele, “os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, as cantigas de narrativas de guerra ou viagens ou conquistas marítimas” (p. 31), fatos comuns na Idade Média.

A partir do que já exposto, observa-se que não se pode fugir à raiz oral da literatura de cordel, como ensina o saudoso Câmara Cascudo sobre literatura oral (CASCUDO, 1978, p. 168):

A Literatura oral é mantida e movimentada pela tradição. É uma força obscura e poderosa, fazendo a transmissão, pela oralidade, de geração a geração. Ninguém defende essa virtude mnemônica nem há um exercício para sua perpetuação. Antes todos negam possuir o patrimônio das estórias e anedotas, mitos e fábulas, dizendo-se próprio para as velhas do outro tempo ou os moradores de aldeias.

O fato de que a Europa foi o berço da literatura de cordel é praticamente incontestado, mas entre as primeiras manifestações de que se tem notícia até a sua chegada ao Brasil houve um longo caminho percorrido. Na França, ela recebeu o nome de *littérature de colportage*, que era uma literatura de mascate, caracterizando-se pela circulação dos livrinhos em mochilas e eram vendidos na zona rural da França; sua presença também foi identificada na Inglaterra, onde recebeu o nome de *chapbook ou balada*; na Espanha ficou conhecida como *pliegos sueltos* e em Portugal de *folhas soltas* ou *folhas volantes*. A essas *folhas volantes* é que Diégues Júnior credita a herança dessa arte literária no Brasil. Contudo, ele admite a presença de alguns traços hispânicos nesse tipo de literatura que se dirigiu a Portugal e depois chegou ao Brasil, pois alega que há muito dos *pliegos sueltos* nos cordéis portugueses, por isso considera essa herança como peninsular, atestando isso pela constatação de que essa arte também se divulgou na América em partes da colonização espanhola.

Sobre essas origens lusitanas e a chegada da literatura de cordel ao Brasil, Diégues Júnior destaca que:

[...] Divulgavam-se, por intermédio das folhas volantes, narrativas tradicionais, como a Imperatriz Porcina, Princesa Megalona, Carlos Magno. Tudo isso, evidentemente, e como seria natural, se trasladou, com o colono português, para o Brasil; nas naus colonizadoras, com os lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente esta tradição de romanceiro, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel. (DIEGUES JÚNIOR *et al*, 1986, p. 35)

Interessante destacar a posição quanto às origens dessa literatura pelo próprio cordelista, representado aqui por Azulão, que, em reportagem na Revista Literatura, p. 7, versa que os folhetos:

São heranças européias  
De Espanha e Portugal  
E toda península Ibérica  
Que de um modo geral  
Os europeus imigrantes  
Vindo das Terras distantes  
Ao Brasil colonial

No entanto, não existe um consenso entre os estudiosos sobre essa questão da herança portuguesa do cordel no Brasil. Alguns associam as origens dos folhetos brasileiros principalmente à forma de poesia oral já existente à época no Nordeste, como as pelejas e os desafios, que já eram conhecidas por aqui. Nesse sentido, Câmara Cascudo considera ser importante destacar a contribuição cultural dos grupos sociais que influenciaram a formação da literatura popular, assim diz:

“a literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual, Índigenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (. p. 28)

A pesquisadora Márcia Abreu, por exemplo, está entre aqueles que discordam quanto à origem europeia dos cordéis. Para tanto, destaca:

[...] não havia, no Brasil, sequer um folheto português, tampouco biografia disponível sobre essa literatura de cordel portuguesa, exceto um trabalho de Câmara Cascudo – Cinco livros do povo – e um punhado de parágrafos introdutórios sempre insistindo nas origens lusitanas da literatura de folhetos nordestinas. (ABREU, 1999, p. 10)

Muito embora a denominação “literatura de cordel” já fosse conhecida em Portugal, onde recebeu esse nome em virtude do antigo costume de os livretos serem apresentados para serem vendidos encavalados em barbantes (cordéis), no Brasil foi somente nos anos 70 que os estudiosos, “a partir de um tipo de literatura semelhante encontrado em Portugal” (GALVÃO, p. 27) passou a utilizar essa expressão para designar os folhetos brasileiros, mas essa nomenclatura não agradou a todos, principalmente àqueles que tinham o contato direto com os livrinhos, ou seja, aos leitores, ouvintes e vendedores. Corroborar essa afirmação pesquisa realizada por Ana Maria Galvão, retratada em seu livro “Cordel: Leitores e Ouvintes”, que traz o modo como os entrevistados se referiam aos livretos:

“Folheto”, “livrinho de feira”, “livro de histórias matutas”, “romance”, folhinhas, “livrinhos”, “livrozinho ou livrinho véio”, “livro de história antiga”, “livro de poesias matutas”, “foiето antigo”, “folheto de história de matuto”, “poesias matutas”, “histórias de João Grilo”, “leitura e literatura de cordel”, “histórias de João Marthins de Athayde” ou simplesmente “livro”. Essas foram algumas denominações que os leitores, leitoras, ouvintes e vendedor que entrevistei utilizaram para designar o que os estudiosos acadêmicos brasileiros sobre o tema renomearam e difundiram, por todo o país, como literatura de cordel. Alguns entrevistados afirmaram que, embora conhecessem essa última denominação, ela não era, de maneira nenhuma, utilizada na época. (GALVÃO, 2006, p. 26)

Outro aspecto igualmente importante para entendermos o desenvolvimento da literatura de cordel no Brasil, além da sua origem, é o referente à região onde essa expressão cultural ingressou no país – o nordeste. Esse recorte regional possuía as características ideais para que o desenvolvimento da literatura de cordel fosse punjante.

Inicialmente, podemos considerar como favorável ao desenvolvimento dessa arte na região a questão da etnia: o encontro do português e do africano escravo aconteceu de forma contínua, o que possibilitou uma constante troca de influências culturais entre as partes ao longo do tempo, de forma ininterrupta. O próprio ambiente social da época oferecia condições adequadas para o surgimento e a difusão da poesia popular através das cantorias de grupo e de forma escrita.

O Nordeste, pelas condições culturais peculiares que possuía e pelas condições sociais que apresentava, favoreceu o surgimento e desenvolvimento da literatura de cordel como se apresenta atualmente, que traz marcada na arte a própria identidade cultural nordestina. Para Diégués Júnior alguns fatores de formação social contribuíram para que isso acontecesse:

[...] a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (1986, p. 40)

Os costumes da vida familiar nos sertões nordestinos também contribuíram para o fortalecimento da literatura de cordel na região. Era costume as famílias se reunirem nos “serões” noturnos, nos quais seus membros – pais, irmãos, primos, tios, etc – se reuniam após o jantar em torno do candeeiro, que por não ter energia elétrica representava o ponto de convergência familiar. Ali, na sala da casa, que podia ser numa fazenda, engenho, sítio ou mesmo numa casa de cidade, aquele membro da família que fosse alfabetizado ficava encarregado de ler novelas, histórias, poesias para o deleite dos demais. Se o acesso às obras impressas que vinham de Portugal ou de lugares mais adiantados do próprio Brasil era difícil,

o mesmo não acontecia com os folhetos contando as velhas novelas populares e, por vezes, algumas histórias de santos. A literatura de cordel naturalmente não teve dificuldade para penetrar nesses “serões” e a partir dali se proliferar. Conclui-se, então, que esse hábito do agrupamento familiar também foi preponderante para a transmissão e fortalecimento da literatura de cordel no nordeste.

Gustavo Barroso, em sua antologia sobre a poesia popular, “Ao som da Viola”, descreve bem o sertanejo e sua disposição em manter a tradição na qual o cordel se insere:

É assim que o sertanejo tem guardado tudo quanto ocorreu no sertão desde que ali vieram seus avós, d'além mar ... Perpetuou em versos os primeiros obstáculos vencidos e as primeiras lutas, as festas religiosas e profanas, as terríveis misérias das crises climáticas, a vida aventureira dos vaqueiros, as proezas dos novilhõesbabatões ou criados na vida selvagem, e das onças devastadoras dos rebanhos. [...] conservou crenças e tradições, rebeldias matutas, lutas de cangaceiros. (10)

Tavares Júnior (1980) alega ter sido o nordeste a região onde os valores trazidos pelos colonizadores foram mais aceitos. Por isso o desenvolvimento da literatura de cordel lá foi mais vigoroso. Para ele “sua aclimação no Norte e Nordeste, a aceitação de sua mensagem decorrem do fato de que se vive nessas regiões uma ambiência social, que endossa e cultua a axiologia recebida com a colonização.” (TAVARES JÚNIOR, 1980, p. 18, *apud* GALVÃO, 2006, p. 31)

Observa-se assim que o cordel encontrou no nordeste um ambiente muito favorável para o seu desenvolvimento, o que muito se explica pela naturalização da região, “que teria, intrinsecamente, predisposição para acolher esse tipo de literatura”. (GALVÃO, 2006, p.32).

## Capítulo 2

### Que literatura é essa?

Os pesquisadores, os folcloristas e os próprios cordelistas há muito vem reunindo esforços na tentativa de se definir essa literatura, isso por que consideram importante chegar a um consenso quanto a sua definição, pois acreditam que conceituando-a, a partir de suas peculiaridades, teriam melhor compreensão e melhor conhecimento do que seja essa literatura, além de considerarem importante também para sua maior valorização. De acordo com o minidicionário da Língua Portuguesa de Silveira Bueno, conceituar é “ajuizar; classificar; reputar; definir” (p. 183). Todavia, o conceito não possui um entendimento estático, tendo em vista que depende do ponto de vista pessoal e da visão de mundo do crítico.

Márcia Abreu (1999) destaca que definir a literatura de cordel é a primeira e maior dificuldade que os pesquisadores encontram ao estudá-la e que as características físicas do folheto, aliadas à maneira de vendê-los, têm sido os atributos mais recorrentes ao se tentar uma definição. Para a pesquisadora, a maneira mais divulgada do que seja literatura de cordel está relacionada a fatores extrínsecos à obra propriamente dita, haja vista que é comum a sua identificação como um tipo de literatura popular, oral e impressa em folhetos, expostos para venda pendurados em cordões (cordéis). Corriqueiramente é tratada como mera expressão da cultura popular, e muitas vezes sendo aproximada das manifestações folclóricas.

Outra pesquisadora do cordel, a professora Maria Ignez Ayala (1997) afirma que o estudo da literatura popular é difícil por que ela não conhece delimitação. Argumenta não ser possível dividi-la em gêneros, espécies ou tipos rígidos, portanto, é de difícil definição e classificação e que essa questão da classificação geral da poesia popular nordestina, escrita ou oral, apresenta uma complexidade que vem desafiando muitos pesquisadores, já que o resultado a que se chega tem se mostrado insatisfatório. Para Ayala “quando se capta aqui ou ali um de seus traços particulares, descortina-se um universo inquietante, principalmente no que se refere ao processo de hibridização.” (p. 168). Diz que a mistura é fundamental para nutrir tanto a literatura popular como as outras práticas culturais populares, e arremata:

O sério se mesclando com o cômico; o sagrado, com o profano; o oral, com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra; o que é transmitido através dos meios de comunicação oral ou escrita (rádio, televisão, jornal) e ainda por meio de livros pode vir a alimentar versos e narrativas populares, orais ou escritas, sendo antes ajustados a sua poética. (AYALA, p. 168)

Já Mark Curran (1998) define a literatura de cordel dentro de uma perspectiva histórica. Para o professor essa poesia é um importante veículo de expressão popular, possuindo valor

informativo, documental e de crônica poética e histórica do século XX. Assevera que através dos folhetos obtém-se informações sobre o Brasil e sobre o povo brasileiro elencados como personagens tanto humildes como nobres.

O estudioso do cordel brasileiro e folclorista Manuel Diégues Júnior (1977) tem definido a literatura de cordel como “romance em poesia, pelo tipo de narração que descreve”. Também o folclorista Marco Haurélio, em entrevista concedida a Maria José Petri, em 2012, diz ser o cordel “a poesia rimada, metrificada. É uma poesia narrativa que pode abordar desde temas jornalísticos até narrativas mais complexas: contos em que aparecem princesas, fadas, gigantes.”

Na visão do cordelista, o que seria o cordel? O poeta Arievaldo Vianna Lima o descreve da seguinte forma: “precisa ser poesia com métrica, rima e oração; sua narrativa (porque sempre conta uma história) possuir início, meio e fim; ser popular, de forma que qualquer camada social ou faixa etária possa entendê-la; e por fim, ser impresso”, e arremata:

Da mesma forma que um poema na literatura erudita precisa ter dois quartetos e dois tercetos rimados e metrificados, o cordel também precisa se submeter às características pré-definidas, ou seja, ser produzido em sextilha ou décima, com rigoroso cuidado com a métrica e rima. [...] cordel é uma poesia para ser lida em voz alta, uma vez que é compartilhada, e para tanto, precisa ter leveza, cadência e ritmos perfeitos.

Outro cordelista, o poeta Francisco Diniz, também define essa literatura através de sua música:

Literatura de cordel  
É poesia popular,  
É história contada em versos  
Em estrofes a rimar,  
Escrita em papel comum  
Feita pra ler ou cantar.

A capa é em xilogravuras,  
Trabalho de artesão,  
Que esculpe em madeira  
Um desenho com ponção  
Preparando a matriz  
Pra fazer reprodução.

Mas pode ser um desenho,  
Uma foto, uma pintura  
Cujo título, bem à mostra,  
Resume a escritura  
É uma bela tradição  
Que exprime nossa cultura.

Os folhetos de cordel  
Nas feiras eram vendidos  
Pendurados num cordão  
Falando do acontecido,

De amor, luta e mistério,  
De fé e do desassistido.

A minha literatura  
De cordel é reflexão  
Sobre a questão social  
E orienta o cidadão  
A valorizar a cultura  
E também a educação.

Mas trata de outros temas:  
Da luta do bem contra o mal,  
Da crença do nosso povo,  
Do hilário, coisatal  
E você acha nas bancas  
Por apenas um real.

O cordel é uma expressão  
Da autêntica poesia  
Do povo da minha terra  
Que luta pra que um dia,  
Acabem a fome e a miséria,  
Haja paz e harmonia. (FRANCISCO DINIZ)

Para apreendermos melhor o que significa a literatura de cordel, não podemos deixar de destacar a figura do poeta, que é aquele capaz de exprimir, através de versos, sua sensibilidade poética, mesmo quando rima as agruras pelas quais o povo nordestino passa - fome, pobreza, problemas sociais. Ninguém melhor que o poeta que vive e por isso conhece bem tanto as misérias quanto as riquezas da sua terra natal (Nordeste) para descrevê-la com precisão, exaltá-la ou denunciar suas mazelas, na mesma linguagem dos seus conterrâneos. O cordelista Gerardo Carvalho Frota, assim se manifesta quanto ao ser poeta:

Alguém que interpreta a realidade de forma artística capaz de dizer de forma menos sofrida as amarguras da vida, as agruras do seu povo. Sabe criticar, denunciar de forma relaxante, através da rima, da musicalidade do verso [...] é uma espécie de porta-voz da sociedade. Ele, com sua poesia fala em nome do povo. Fala por suas dores, suas alegrias, derrotas e vitórias. Lamenta a seca, agradece a boa chuva. É um profeta do povo no sentido de anunciar e denunciar. Para a cultura, o poeta é mais um artífice. Ele é fundamental para a cultura popular. É uma expressão viva da cultura. O trabalho do poeta enriquece a cultura e a sociedade brasileira. (GERARDO CARVALHO)

Arantes (1982, p. 39) assevera que apesar de a poesia ser considerada trabalho, como um meio de subsistência, os poetas se consideram como possuidores de um dom. Conclui que para os poetas a poesia é algo que lhes é inerente. O autor faz um apanhado do que considera ser o procedimento básico do poeta:

O poeta “apreende” uma imagem do mundo e a devolve dando-lhe um sentido em termos de um contexto particular. Isto fica bastante claro no caso dos “folhetos de época”, que são poemas sobre eventos reais. Os poetas são, em geral, bem informados e alguns estão sempre atentos às notícias, principalmente à espreita de algo que possa se transformar em assunto para um folheto, tal como acidentes, morte de políticos e,



sobretudo, os assim chamados “fenômenos”, que são ocorrências não explicáveis pela experiência comum (nascimentos, criaturas e eventos anômalos”.

O cordelista tem consciência do papel que desempenha junto ao seu público. Sabe que através da sua arte participa ativamente da formação de uma identidade social na coletividade a que pertence, o que pode ser constatado pelas palavras do poeta Arievaldo Viana Lima:

A missão do cordelista é levar poesia, leitura, diversão e entretenimento para pessoas de todos os níveis culturais e sociais, por isso é que se chama poesia popular. Não é o fato dela ser publicada em papel de má qualidade, com formato acanhado e capinhas baratas que a torna popular. É popular por que fala dos problemas do povo na linguagem do povo.

O poeta tem uma capacidade extraordinária de narrar e comentar acontecimentos históricos. Além de distrair o público, ele informa e distrai o leitor. Em virtude da sua vida em comum com o povo, ele tem estreita ligação com este e com seus problemas. Curran (1986) assinala que as experiências pessoais do poeta e a sua reação à vida, funcionando como um *representante do povo*, oferecem indicações verdadeiras para historiadores, sociólogos e antropólogos sociais sobre o pensamento do povo.

O cordelista Azulão, em reportagem de Verucci Domingos de Almeida, na revista Literatura, ressalta que os poetas usam a arte poética para emocionar quando falam de sentimentos, fazem rir através do humor, entretêm e criticam através de seus versos quando escrevem desde sentimentos nobres até atos históricos e políticos. Para resumir seu ponto de vista sobre o trabalho do poeta, versa que

O cordelista faz tudo  
Para se evoluir  
Faz poema pra chorar  
E humorismo pra rir  
E no campo da política  
Faz elogio e faz crítica  
Pro povo se divertir.

Outro ponto a ser abordado para o melhor entendimento da literatura de cordel é o referente ao folheto, já que é praticamente intrínseco à arte da poesia metrificada. Para os folcloristas, os folhetos pertencem à tradição literária denominada literatura de cordel. Começaram a ser escritos e publicados por poetas nordestinos no final do séc. XIX e o cordelista Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da impressão das histórias rimadas em folhetos, em 1893. Antes disso, os poemas eram cantados pelos “cantadores” nas fazendas e vilas do sertão.

Com o desenvolvimento da tipografia, passaram a circular na sua forma impressa em maior quantidade e serem vendidos nas feiras e mercados, ora por seus autores, ora pelos

folheteiros, que nada mais eram que os “ambulantes” que se encarregavam da venda dos folhetos. Os anos de 1930 a 50 representaram o apogeu dessa literatura. Esse período teve aumentada a rede de produção e distribuição dos folhetos e centenas de títulos foram publicados, deixando de ser editados exclusivamente pelo poeta. Outro fator importante nessa época foi a formação de um público para o cordel.

Os folhetos apresentam algumas características que lhes são próprias. São impressos em papel pardo, medindo cerca de 12 x 16 cm, com 8, 16, 24 ou 32 páginas e contém ilustrações em xilogravuras que representam seu conteúdo. Quanto à forma, Câmara Cascudo (1994/1953 *apud* GALVÃO, 2006, p. 33) destaca “que raros eram os folhetos escritos em prosa e que quadras, ABCB, sextilhas, décimas eram as formas mais comuns das composições em versos”. Segundo Márcia Abreu o sucesso do cordel junto a um público sem tradição escrita pode ser explicado pelos princípios básicos de sua composição. Para a pesquisadora

Uma composição só será incorporada ao universo do cordel caso seja produzida em sextilhas setessilábicas com rimas ABCBDB. Aceitam-se também as setilhas (ABCBDDB) e décimas (ABBAACCDDC) setessilábicas ou decassilábicas, mas estas formas são menos comuns. Sabe-se que os versos são mais facilmente memorizáveis do que textos em prosa, especialmente se forem seguidas algumas regras de composição dos folhetos. (ABREU, 1994, p. 441 *apud* GALVÃO, 2006, p. 34)

Os anos 60 presenciaram um declínio dos folhetos de cordel, só vindo a se tornar alvo de interesses novamente nos anos 70, mas desta vez com um público diferenciado, representado por turistas e estudantes. Também a partir daí passou a ser alvo de curiosidade e estudo. “Nos últimos anos, muitos intelectuais, principalmente, têm-se engajado em movimentos que buscam revigorar a literatura de folhetos.” (GALVÃO, 2006, p. 34).

O pesquisador Marco Haurélio, em entrevista citada anteriormente, acredita que hoje haja uma atenção maior da mídia para com a literatura de cordel e diz que por muito tempo foi confundida a forma como o cordel era impresso e divulgado com seu conteúdo, o que não foi bom. Diz que talvez esse fato tenha contribuído para que fosse visto como uma literatura de baixo valor.

### Capítulo 3

#### A herança social do cordel para o Nordeste

Inicialmente, vamos abordar a questão da sociabilidade que envolvia a leitura dos livretos de cordel no final do século XIX e início do século XX. Galvão (2006, p. 31) observa que a literatura de cordel tornou-se peculiar pelo objetivo social que alcança: “veiculadas por cantadores/poetas ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas”. Naturalmente que, com o surgimento de outros meios de comunicação (rádio, televisão, jornal) e a facilitação ao acesso do povo a esses meios e também à educação, houve mudanças nessa forma comunitária de viver e sentir a literatura de cordel.

A socialização que envolvia a leitura dos folhetos de cordel era promovida pela reunião que sempre acontecia nessas ocasiões, o que proporcionava um encontro entre os familiares e vizinhos, e se davam sempre na casa de um membro da família ou na casa de vizinhos, onde normalmente aconteciam também outras atividades. Muitas vezes a rua também era palco desses encontros. O portador de maior número de folhetos e variedade de títulos oferecia a casa para desfrutar com os parentes e amigos desses momentos. Ana Maria Galvão (2006) destaca no resultado de sua pesquisa que redundou no livro *Cordel: leitores e ouvintes* que parecia existir essas reuniões até bem pouco tempo, pelo menos nas pequenas comunidades rurais do interior do nordeste, conforme depoimento de um dos entrevistados:

A gente morava num interior chamado... Bem-Te-Vi... [...] ali perto de Catende, por ali pra dentro. Aí de noite acendia o candeeiro, não tinha nem luz lá no lugar onde a gente morava, interiorzinho pequeno, ele (seu pai adotivo) era delegado lá. Aí eu lia folheto, lia, lia, lia, lia, lia a noite todinha (risos) até 10 horas, 11 horas da noite [...] Depois, até quando eu me casei lá na Usina Guabiraba, eu saía de noite com o candeeiro, ia pra casa da vizinha assim, de noie, para ler folheto [...] Era sentado na calçada e lendo. (p. 152)

Os momentos preferidos para esses encontros onde acontecia a leitura coletiva ou declamada dos folhetos eram as noites e os finais de semana, principalmente os domingos. Nas reuniões, aquele membro mais alfabetizado ou que fosse considerado pelo grupo com maior competência de leitura era o encarregado de ler as histórias em voz alta para o restante do grupo. Dentre essas competências de leitura que o leitor deveria apresentar era muito importante o saber ler a história de forma ritmada e destacar bem algumas frases e palavras. Portanto, além de o enredo ser bom, o leitor precisava ter fluência, tom de voz e entonação adequados para propiciar ao ouvinte uma leitura que o fizesse “sentir” a história.

Além da leitura dos folhetos, os contadores de histórias muitas vezes divertiam a plateia, contando histórias da tradição oral, principalmente as “histórias de trancoso”, de cangaceiros, de assombração e outras, o que se constituía numa diversão para o público.

Arantes (1982, p. 36) também indica em seu estudo essa característica da literatura de cordel: que não se destina à leitura individual. Assim

[...] Nas reuniões de vizinhos ou amigos, em horas de folga, quem sabe mais canta ou declama folhetos, segurando o livrinho e repassando o texto, embora muitas vezes já o conheçam de cor, totalmente ou em parte, exatamente como acontece com o folheteiro na feira. Os ouvintes (homens, mulheres e crianças) respondem ao leitor de acordo com o que acontece no enredo, rindo e manifestando aprovação a valores expressos nos poemas, através de frases estereotipadas como: “êta cabra valente da gota!” “É valente demais, homem!”. etc. Observando essas situações, torna-se evidente que, embora esses poemas sejam escritos e circulem em forma impressa, eles se destinam a ser lido em voz alta ou cantados. [...]

Segundo Galvão (2006), como resultado de sua pesquisa, norteadas em entrevistas, o prazer, o lazer e o divertimento aparecem como principais motivações para a leitura de folhetos, além disso, essas reuniões também propiciavam uma socialização dos membros daquela comunidade envolvida.

Dentro da importância que a literatura de cordel teve e tem para os nordestinos, no seu aspecto social, não podemos deixar de destacar sua função informativa. Analisando os cordéis verifica-se que o poeta, muitas vezes, era um verdadeiro porta-voz das novidades. Esse relevante papel pode ser explicado, em princípio, pela escassez (principalmente nas regiões mais distantes do litoral), pela pouca acessibilidade e baixa familiaridade dos principais meios de comunicação disponíveis na época. O folheto era um suporte simples, de fácil fabricação e podia ser encontrado nas feiras livres, constituindo-se, portanto, num importante meio de comunicação entre o poeta e o leitor dos acontecidos históricos. De acordo com Silva (2012, p. 64)

Compreendemos que assim como os jornais, o cordel informativo relata acontecimentos com uma linguagem peculiar, sendo um vetor narrativo ideológico, pois o poeta expressa sua opinião, documenta a história. E, através dos cordéis de encomenda, o cordel informativo pode suprir a necessidade informacional de uma demanda específica, com uma linguagem mais acessível e dinâmica.

Um outro ponto que chama atenção quanto ao seu papel informativo é sobre a credibilidade das informações veiculadas por outros meios que não fosse o cordel. Sobre essa questão Luyten (1992, p. 105 *apud* GALVÃO, 2006, p. 183) afirma que “o homem do povo” desconfia naturalmente das fontes oficiais de informação”. Eis o que disse um entrevistado, referindo-se também à questão da compreensão para justificar a preferência do ouvinte pela informação através do cordel:

Porque a pessoa queria...de qualquer maneira era uma informação, né? Era um esclarecimento pro povo e o povo queria saber detalhes e mais detalhes. Às vezes o rádio dizia e a pessoa não compreendia. Comprando o folheto lia, relia, relia, relia de novo, até fixar as coisas. Saber o quê, o tipo de informação. Qualquer troço de leitura é um pouco de informação, eu acho. Quer dizer, a gente lendo qualquer coisa a gente fica informado da atualidade naquilo que leu. A menos que... De qualquer jeito fica mais informalizado. Por dentro das coisas. (Zé Moreno, *apud* Galvão, 2006, p. 183)

Galvão (2006) destaca a opinião de alguns poetas no sentido de que o público compreende melhor as informações veiculadas nos livretos, o que parece estar relacionado, principalmente, ao papel da estrutura formal dos folhetos, especialmente a rima. O poeta José Soares afirma que “ao botar no “verso” as notícias que escuta em diferentes fontes (rádio, televisão, jornal), sabe que a “gente da rua quer ouvir a rima porque assim guarda melhor o acontecido.” (*apud* LUYTEN, 1992, p. 111, *apud* GALVÃO, 2006, p. 183).

Ainda sobre o caráter informativo do cordel, ele “era uma fonte de informação capaz de divertir” (GALVÃO, 2006, p. 184), isso pela grande habilidade do poeta em transformar a notícia em história, em narrativa, em fábula. Dá como exemplo o caso da morte de Vargas e Agamenon, cuja “narração da morte extrapolava o fato em si e transformava-se em uma história”. (p. 184).

Ariano Suassuna, em depoimento concedido para o estudo de Ana Maria Galvão, relata que “na sua opinião, a dimensão propriamente literária e estética dos folhetos é, de fato, a mais importante”, opinião que confirma a de Edson (entrevistado) quando diz “porque o pessoal gostava de... de ver o gracejo que tinha no folheto, rimado sempre foi bom. [...] Getúlio era muito querido, Agamenon era muito querido, então o pessoal queria ver o começo dele, como foi a vida dele, em relação aos dois [...]” (GALVÃO, 2006, p. 184).

Também muito importante, no aspecto social, foi o papel do cordel no que diz respeito à função “educativa” dos folhetos, principalmente na época do seu apogeu, período em que a sociedade se caracterizava pelas altas taxas de analfabetismo, pela pequena oferta de escolarização, sobretudo pública, e, além de poucas escolas, as que existiam funcionavam precariamente, principalmente nos sertões nordestinos. Foi nesse cenário que em vários locais o poeta se configurou como um educador, levando conhecimento sobre a realidade social, principalmente para as camadas populares, o que possibilitou que muitos nordestinos aprendessem a ler e escrever.

Estudos já realizados apontam na direção de que muitas pessoas tiveram nos folhetos a sua alfabetização e que isso acontecia de forma autodidata. É o que vemos do trecho a seguir:

Mesmo quem não sabia ler comprava e aprendia a ler lendo cordel, decorava. E terminava aprendendo a ler (risos) por causa do cordel, né? Porque decorava aquela

leitura do cordel [...] Ouvia e decorava e depois ia pra feira e daqui a pouco tava lendo folheto... [...] Acaba aprendendo, porque ele via o pessoal sempre com inveja, aqueles... lê aquilo ali, eles decorava, né? Então dali ia juntando as letra, daqui a pouco sabia ler. [...] Acompanhando. O cordel é uma coisa da antiguidade que... trouxe a muita gente aprender a ler que comprava o folheto, porque queria ler também e terminava lendo. [...] Eu conheço, aqui não, no interior, né? Muita gente que aprendeu a ler por causa do cordel. (Edson, *apud* Galvão, 2006, p. 185)

Em outros casos o desejo de ler sozinho o cordel incentivava as pessoas a procurarem a educação nas escolas. Além de os folhetos de cordel impulsionarem o aprendizado da leitura e escrita, era fundamental para o desenvolvimento das competências de leitura, também de forma autodidata, com o auxílio dos folhetos. Aqueles que nasciam com o dom de criar versos também faziam parte desse grupo que queria aprender a ler e escrever, movidos, principalmente, pelo desejo de começar a escrever versos.

Em texto retirado da internet, o folclorista e pesquisador Marco Haurélio afirma que o cordel provocou efeitos culturais, sociais e políticos. Afirma que “o cordel, principalmente em seus primeiros anos, foi de fundamental importância para a formação de um público leitor numa época em que a educação formal não chegava aos grotões.”

Antigamente, quando o acesso a uma educação escolarizada era muito difícil, o cordel contribuiu para a alfabetização de muitos nordestinos e nordestinas. Hoje, com a mudança no quadro educacional do Brasil, ele se constitui numa importante ferramenta de aprimoração para o desenvolvimento do aprendizado, em razão da sua funcionalidade didática e educativa, além da linguagem, que utiliza recursos do cotidiano, do falar popular, e da forma como aborda questões inerentes ao pensar e ao agir do poeta frente ao mundo que o cerca.

O caráter social da literatura de cordel também pode ser identificado nas temáticas que compõem o universo dos livretos. Nada passa despercebido ao olhar do poeta. Tudo e todos podem virar versos de cordel, onde os poetas falam da fome, da seca, das dificuldades vivenciadas. Versam sobre festas, crenças, cangaço, acontecimentos do cotidiano, política, fatos internacionais, etc. Viajam pelo imaginário e o misturam com a vida real.

Em virtude da grande variedade de temas, vários estudiosos buscaram classificá-los, como Leonardo Mota, Câmara Cascudo, Manuel Diégues Jr., Alceu Mayard, M. Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa, Raymond Cantel, Ariano Suassuna, entre outros.

Diégues Jr. (1986) considera a existência, no romancelo e hoje na literatura de cordel, de dois tipos fundamentais da temática: os tradicionais e os temas circunstanciais. Explica que

[...] os temas tradicionais vindos através do romancelo, conservados inicialmente na memória e hoje transmitidos pelos próprios folhetos – e aí se situam as narrativas de Carlos Magno, dos Doze Pares de França, [...] e os temas circunstanciais, os acontecimentos contemporâneos ocorridos em dado instante, e que tiveram repercussão na população respectiva – são enchentes que prejudicaram populações,

são crimes perpetrados, são cangaceiros famosos que invadem cidades ou praticam assassinios, são também hoje com a facilidade das comunicações, certos fatos de repercussão internacional. Temos assim os temas tradicionais, de um lado; e de outro lado, os fatos circunstanciais, quando a literatura de cordel se transforma em jornal escrito e falado e em crônica ou fixação dos acontecimentos. (p. 51)

Orígenes Lessa propôs uma classificação na qual registra uma série de temas permanentes e outros que são transitórios, não se reproduzindo nos folhetos; e Ariano Suassuna propõe uma classificação mais sintética, buscando situar a temática da literatura de cordel em limites mais definidos, a partir de dois grandes grupos – o tradicional e o de “acontecido”, como segue: “1. Poesia improvisada; 2. Poesia de composição: a) ciclos: heróicos, do maravilhoso; religioso e de moralidade; cômico, satírico e picaresco; de circunstância e histórico; de amor e fidelidade; b) formas: romances; canções; pelejas; abcês.” (DIÉGUES JR. *et al*, 1986, p. 54).

Existe uma tentativa por parte dos estudiosos do cordel em harmonizar o que existe nas diferentes manifestações populares em torno de determinados assuntos, constantes, ou por que não dizer, permanentes. Segundo Diégues Júnior (1986, p. 54):

De um lado quais são esses temas, como são expostos, por que existem; e de outro lado, como o cantador ou trovador populares consideram esses temas, como os interpretam, o que seria, por assim dizer, a sua cosmovisão. Ou seja: como, no quadro de sua cultura, compreendem o fato tradicional ou o acontecido em face da sociedade em que vive. O que representa, de certo modo, o próprio sentimento desta sociedade.

E continua:

[...] Claro que sejam os fatos tradicionais, sejam os fatos ocasionais, são sempre envolvidos pela visão do homem regional: merecem sempre dele a perspectiva de sua cosmovisão, de sua cultura, de sua maneira de ver e sentir as coisas. Assim a temática, de modo geral, podemos dizer que corresponde àquelas diversas manifestações que o nordestino – no caso, o poeta popular – observa, registra e sente. Observa, registra e sente como um integrante de sua cultura. (p. 55)

Podemos concluir que o cordel revela a sua face social não só através de alguns de seus temas, mas ao ser produzido para as camadas populares, contribuindo para uma formação crítica do povo diante dos fatos que o cerca. Povo esse que vê, na linguagem simples do poeta popular, a expressão de um sentimento comum.

## Considerações Finais

A região nordeste foi um recorte do Brasil que sempre passou por profundas dificuldades, desde a colonização. O sertanejo, como são conhecidas as pessoas do interior dessa região, representa um povo forte, lutador, haja vista conviver há muito com os flagelos que advém das secas rigorosas, com as desigualdades sociais, com o esquecimento por parte dos governos, com o descaso com a educação, que dificulta ainda mais a vida do jovem nordestino. Dentro desse quadro desfavorável para o povo daquela “terra”, surge a literatura de cordel, um produto cultural, de forte expressão popular, que veio trazer enorme benefício para a melhoria da vida simples daquele povo do sertão, tornando-se de grande importância para o desenvolvimento do Nordeste pelos motivos já expostos neste estudo e que voltamos a reforçar.

Conforme verificado na pesquisa, a literatura de cordel cruzou os mares, saindo da península ibérica, e adentrou o Brasil pelo Nordeste, vindo junto com os portugueses, encontrando aqui um ambiente propício para o seu desenvolvimento. De origem europeia, tornou-se uma produção nordestina, misturando-se às formas de expressão cultural, baseadas na oralidade, que já existia na época, como as pejejas e desafios.

A essência da literatura de cordel por muito tempo foi confundida com a forma como era impressa e divulgada, o que pode ter contribuído para que não tivesse o reconhecimento merecido, mas, como verificamos no estudo feito, há algum tempo já é alvo de pesquisas nos meios acadêmicos, e muitos já a conceituam fugindo desse estereótipo de literatura produzida em livreto, o que faz voltar os olhos do mundo “erudito” para essa arte tão própria do nordestino e, naturalmente, estando a literatura de cordel numa posição de maior visibilidade, o nordestino também estará, pois são seus poetas, pessoas simples que nascem e vivem no meio do povo, que lhe dão sustentação, através de sua criatividade, e encontram nessa forma peculiar de literatura uma fusão de sua história, arte e cultura, mostrando de forma clara a identidade nordestina.

A função social que a literatura de cordel desempenhou no Nordeste, principalmente no período do seu apogeu, foi de grande importância para aquela região, cujo povo encontrou na poesia o alento para enfrentar as intempéries da vida no sertão. O cordel serviu de ponte para a socialização entre as pessoas, por ser um tipo de literatura que requer um espaço comunitário para sua realização, até mesmo pela sua origem oral. Nos encontros sociais que ocorriam para a leitura do cordel, além da diversão e entretenimento que propiciava, aqueles que liam fortaleciam suas competências de leitura. O desejo que muitos tinham de ler eles mesmos os



folhetos ou aqueles queriam dominar a leitura e escrita para escrever versos fez da literatura de cordel grande incentivadora para que muitos sertanejos iniciassem sua alfabetização, num período em que a alfabetização escolarizada era extremamente deficitária. Um outro ponto observado nos estudos realizados e que se refere à importância social do cordel diz respeito à sua utilização como veículo de informação. Nada acontecia que fugisse aos olhos e ouvidos atentos dos poetas, que de forma versificada, e numa linguagem simples, bem ao entendimento do público, divulgava os acontecimentos. Mesmo numa época em que já existiam outros meios de comunicação, como o rádio, o público preferia ouvir as notícias de forma rimada.

Como visto, a literatura de cordel teve grande importância para o nordestino, pois através da poesia contribuiu para que essa gente “forte” superasse as adversidades que a vida lhe impôs, fortalecendo a identidade nordestina e contribuindo para formar um espírito crítico sobre os fatos que aconteciam a sua volta.

Esse trabalho não tem a pretensão de esgotar as possibilidades do cordel para o Nordeste e o Brasil, ao contrário, apenas abre as portas do entendimento para o papel que representou a literatura de cordel na cultura popular, principalmente no Nordeste, e acredita que, dependendo da atuação e interesse dos meios acadêmicos e governamentais, essa arte popular ainda muito pode oferecer para o engrandecimento do nosso povo, em diversas áreas.

### Referências bibliográficas:

ABREU, Márcia. **História de Cordéis e Folhetos**. São Paulo. Mercado das Letras, 1999.

Disponível em:

<[www.historiaehistoria.com.br/ materia.cfm?tb=professores&id=103# ftn16](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=103#ftn16)> Acessado em 06/11/2016

ALMEIDA, Verucci Domingos. **Afinal, o que é literatura de cordel?** Revista Literatura, São Paulo, Edição nº 45, p. 6-9, out/2012

AYALA, Maria Ignez Novais. **Riqueza de pobre**. In. Literatura e sociedade: revista de teoria literária e literatura comparada. São Paulo, USP, 1997, n. 2, p. 160-169. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/15694/17268>> Acessado em: 12/11/2016

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. Primeiros Passos, 8ª ed., Ed. Brasiliense. 2009. Disponível em: <<http://www.pt.scribd.com/doc/37250902/O-que-e-cultura-popular>> Acessado em 30/10/2016

\_\_\_\_\_. **O trabalho e a Fala**. Ed. Kairós. São Paulo, 1982

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro. Departamento de Imprensa Nacional, 1949. Disponível em:

<[scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6504&context=etd](http://scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6504&context=etd)> Acessado em 05/11/2016

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**, 2ª ed., São Paulo, FTD, 2007

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978

COSTA, Carolina Velloso. **O romance de tradição oral e suas relações com a literatura de cordel**. Boitatá: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, 18:2 (2014): 68-72.

Disponível em:

<[scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6504&context=etd](http://scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6504&context=etd)> Acessado em 07/11/2016

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel; SUASSUNA, Ariano; Nascimento, Bráulio do; CURRAN, Mark J.; LAMAS, Dulce Martins; QUEIRÓS, Raquel de; BATISTA, Sebastião Nunes. **Literatura Popular em Versos: Estudos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986

DINIZ, Francisco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=42U4jrCFT0s>> Acesso em 11/11/2016

FROTA, GERARDO CARVALHO. Disponível em:

<<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4838/1/arquivototal.pdf>> Acesso em 12/11/2016

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: Leitores e Ouvintes**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006

HAURÉLIO, Marco. Programa ArteLetra, entrevista de Maria José Petri, TV São Judas, 29/05/2012. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=NBVECYin3sU](http://www.youtube.com/watch?v=NBVECYin3sU)> Acesso em 04/11/2016

Disponível em: <<<http://impressaodigital126.com.br/?p=17957>>> Acesso em 20/11/2016

SILVA, V. F. da. Informação e memória na literatura de cordel: produção e fluxo, 2012. 166 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p1/28288>> Acessado em 20/11/2016

VIANA, Arievaldo. Disponível em:

<<http://scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6504&context=etd>> Acesso em 15/11/2016

Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4838/1/arquivototal.pdf>> Acesso em 15/11/2016